# Cadernos Astrológicos nº. 3

## Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse

### Vol. 2 – A Pestilência

**Simão Cortês**

Copyright Abril 2017 Simão Cortês

CEIA – Centro de Estudos Integrados em Astrologia

Cadernos Astrológicos Número 2

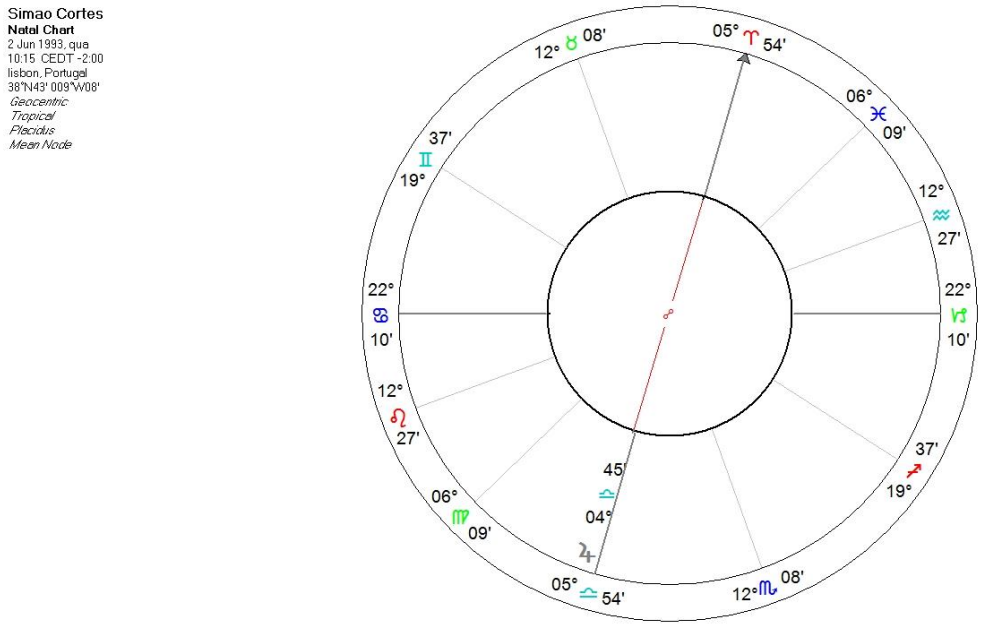
## Introdução

Este artigo é o Segundo de um projeto em que se exploram temáticas associadas aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse em termos astrológicos. Neste volume, o cavaleiro explorado será a Pestilência.

No contexto deste artigo não vou falar da pestilência só no sentido da peste bubónica ou das pestes antigas, mas da pestilência na sua vertente mais abrangente, possivelmente até metafórica, pensando nela como a personificação do conjunto de todas as doenças infecto-contagiosas ou pandémicas.

Antes de mais gostaria de começar o artigo com uma nota pessoal já que acredito que não existe conhecimento imparcial ou deslocalizado. Como discutimos no artigo da Morte, toda a gente, mais tarde ou mais cedo, terá de enfrentar alguma destas energias na sua vida. Infelizmente a energia da pestilência é, de entre estas quatro energias, aquela com que sempre lidei desde cedo. Tendo crescido numa família de classe média em Lisboa tive a sorte de nunca ter sentido fome nem passado por uma guerra. Felizmente também nunca perdi muita gente que me fosse particularmente próxima. No entanto, a minha mãe foi diagnosticada com HIV, o vírus que causa a SIDA, quando eu tinha 8 anos. Como poderão imaginar isso veio a influenciar quase toda a minha perceção do mundo daí em diante.

Só durante a investigação que fiz para este artigo é que me apercebi de como isto está marcado no meu mapa natal. Como seria de esperar, a maioria dos mapas relacionados com peste, epidemias e pandemias têm um grande foco na casa 6 das doenças. Depois de ter passado alguns dias imerso em mapas sobre a peste negra, episódios de histeria em massa e zombies é que me apercebi que Júpiter, o meu regente da casa 6, faz uma oposição quase exata à casa 10, representante da mãe no horóscopo.[1]




[1] É verdade que os astrólogos mais modernos associam a casa 4 à mãe, mas mesmo se assim for temos o regente da 6 em conjunção quase perfeita a essa casa. O importante é que ele aflige o eixo 4-10.

Sabendo isto, espero que estejam preparados para ser guiados pelo mundo da Pestilência por alguém que aprendeu a conviver com ela desde cedo e que por isso é sensível tanto à angústia que causa como às possibilidades da sua integração.

Como vimos no último artigo, cada cavaleiro está associado ao lado mais sombrio de cada um dos quatro elementos astrológicos. A Morte está associada à Água, a Fome à Terra, a Guerra ao Fogo e a Pestilência ao Ar.

Em termos de casas astrológicas, a pestilência é canonicamente mais associada à casa 6, casa das doenças. Em termos de planetas, Ptolomeu associa-a a Saturno, o que não é de admirar uma vez que se trata da Infortúnia Maior.

A associação da pestilência ao ar pode não ser imediatamente óbvia mas é muito antiga. No seu tratado astronómico o *Tetrabiblos*, Ptolomeu discute muito a ocorrência de pestilências. Numa época em que não se tinha descoberto ou vulgarizado o uso da penicilina ou das vacinas era mais do que natural que houvesse surtos de doenças que matavam centenas de milhares de pessoas de uma só vez. Por esta razão, a maioria dos tratados astrológicos tem secções relativamente grandes associadas à pestilência.

Ptolomeu diz-nos que a pestilência é uma daquelas forças que se sobrepõe ao poder do mapa natal por ser um acontecimento geral e mundano. Ou seja, mesmo que um mapa natal prometa uma vida longa, um surto de peste poderá contrariar essa promessa. Aqui se vê o poder que esta energia tem sobre a humanidade, e a luta que com ela travamos desde o início dos tempos.

Também segundo o *Tetrabiblos*, Saturno tem a característica de, meteorologicamente, trazer "ares pestilentos". Ptolomeu não é o único astrólogo antigo a falar em ares pestilentos. Podemos encontrar referências semelhantes em Lilly, por exemplo. Estas referências interessam-nos na medida em que são provas de que a doença e a pestilência eram olhadas como fenómenos aéreos, daí a sua ligação a este elemento.

Além disso, o cavalo da pestilência na Bíblia é branco. Apesar de ser difícil atribuir uma cor ao ar, podemos facilmente admitir que o branco e o amarelo são escolhas bastante universais.

O Ar é o elemento que conecta as pessoas, que lhes permite partilhar sabedoria e experiências. Não é surpreendente que o lado sombra desta simbologia seja a transmissão de bactérias ou doenças. Se quisermos compreender melhor esta ligação arquetípica, podemos imaginar uma rede social que se alastra pelo mundo como uma pandemia metafórica.

Apesar de não ter a conotação irreversível da morte ou a violência abrasiva da guerra, a pestilência tem um papel interessante na cultura humana. Enquanto a luta contra a morte é uma que não é possível vencer, e na guerra os inimigos são os próprios humanos, a pestilência é conceptualizada como um inimigo externo, contra o qual temos tido grandes vitórias.

Desde o início dos tempos, seja através de medicina, magia ou práticas alternativas os seres humanos têm feito um esforço coletivo de combate contra a pestilência, e em geral temos sido capazes de vitórias incalculáveis. A preocupação humana com esta guerra é de tal forma

grande que desde sempre abundaram charlatães a vender curas milagrosas e recentemente se estabeleceu uma indústria multimilionária em torno da venda de medicamentos.

No entanto, é necessário reconhecer que os nossos demónios, por mais tenebrosos que sejam, partilham o mundo connosco, e a sua energia causa também um fascínio secreto, quase erótico, que muitas vezes desejamos seguir. O que é a proliferação de livros, filmes e jogos sobre zombies se não um fascínio pela nossa velha inimiga? O que é a erotização dos vampiros, por exemplo na saga *Twilight*, se não uma amostra do nosso desejo inconsciente por esta energia?

Neste artigo pretendo mais uma vez quebrar tabus e analisar estas energias de perto. Não pretendo escrever um artigo sobre Astrologia Médica porque a medicina está para lá das minhas competências. O meu objetivo é analisar a nossa relação, como humanos, com a Pestilência de um ponto de vista astrológico.

O artigo é relativamente extenso e aborda temáticas muito diferentes. Por esta razão estará dividido em três secções que poderão ser lidas de forma independente, quase como artigos em separado:

*Pestilência e Pandemias* – Nesta secção vou analisar mapas mundanos relacionados com episódios históricos de grandes surtos de peste, ou interessantes para o estudo da pestilência como entidade. Na primeira parte analisaremos vários mapas relativos ao surto de Peste Negra que dizimou quase um terço da população mundial no século XIV, e ao surto de peste em Lisboa no século XVI e o mapa de D. Sebastião, rei da altura. Na segunda parte analisaremos o mapa relativo à descoberta do HIV. E na terceira e última parte analisaremos um mapa relativo a um surto de uma doença fictícia, causada por uma histeria em massa, em Portugal no ano de 2006.

*Resistência* – Nesta secção analisarei o mapa natal de uma das mais importantes figuras da história da medicina, dando um enfoque especial à sua casa 6: Alexander Flemming, e os trânsitos que estava a atravessar na altura das suas grandes descobertas.

*Cultura Popular e a Erotização da Pestilência* - Nesta secção analisarei mapas relativos a produtos de cultura popular associados à pestilência. Vamos analisar o mapa da estreia de *The Walking Dead*, uma das mais importantes séries de zombies de todos os tempos, e de *Twilight*, a história de amor entre uma adolescente e um vampiro.

É preciso deixar explícito que não pretendo com este trabalho fazer previsão, apenas interpretação. Assim, não vou estudar os mapas à procura de descobrir quanta gente vai morrer, quando haverá uma cura, etc. Não sou um daqueles astrólogos que deteste trabalho de previsão, antes pelo contrário. Tenho vários textos públicos em que faço previsões de eventos futuros. No entanto, estou plenamente convencido de que as previsões sobre morte, doença ou semelhantes catástrofes não ajudam as pessoas em nada, e causam uma terrível ansiedade e agonia psicológica. Este é um trabalho que envolve olhar para o passado, e refletir sobre ele.

## Pestilência e Pandemias

*Peste Negra*

A pior pandemia que a humanidade já enfrentou poderá ter sido a Peste Negra, ou peste bubónica e pneumónica. Desconfia-se que os primeiros casos terão sido originários do oriente, nomeadamente a China, e que mais tarde se alastrou para a Europa. Na Europa terá chegado primeiro à Sicília, depois a Marselha e daí alastrou-se para o resto do continente. Algumas estimativas apontam para que tenham morrido cerca de 75 milhões de pessoas, cerca de metade da população europeia da época. Podemos considerar que terá sido o período de maiores vitórias para este Cavaleiro do Apocalipse. A imagem utilizada na capa deste artigo é um quadro chamado *A Vitória da Morte* de Pieter Bruegel e mostra pilhas de cadáveres a serem queimados para evitar a propagação da doença.

Infelizmente há um grande debate académico sobre o número real de mortos causados pela peste uma vez que não havia nenhum sistema de contabilização da população ou da sua mortalidade na altura. Assim, ficamos renegados aos relatos de clérigos assustados que poderão ser grandes exageros relativamente ao número real de morte. A única noção certa que temos terá sido o ritmo da sua propagação ao longo de toda a Europa. Por esta razão não é possível colocar figuras muito precisas sobre este assunto.

Nesta secção vamos explorar um pouco os mapas astrológicos relevantes para o estudo da Peste Negra. Numa primeira parte vamos olhar para os mapas que mostram o avanço da peste, nos anos 40 do século XIV, que levou à pandemia que matou 75 milhões de pessoas. Depois, analisaremos o Ingresso Vernal para Lisboa, em 1569, ano em que se deu o maior surto de peste negra em Portugal depois do século XIV que levou à morte estimada de 60.000 pessoas. Analisaremos também brevemente o mapa de D. Sebastião, rei da altura, à luz destes factos.

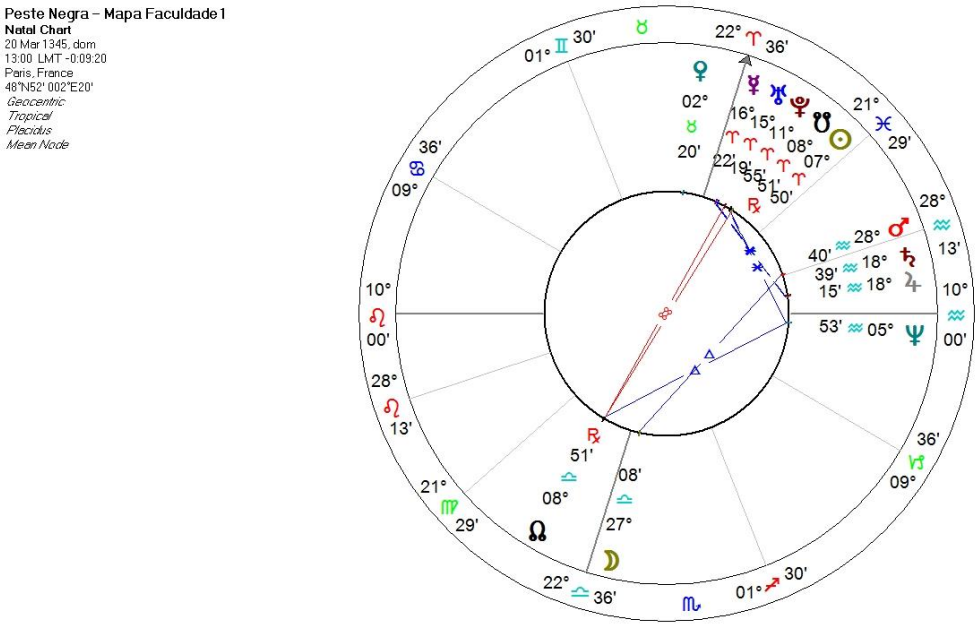
Existem muitos estudos astrológicos sobre a peste negra, como é natural, alguns feitos imediatamente no século XIV. A Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, em 1348, justificou a peste com fatores astrológicos.

O primeiro mapa utilizado para justificar a peste é de 20 Março de 1341, à uma da tarde. A conjunção de Júpiter e Saturno e Marte num signo de ar seria a razão pela qual teriam chegado ares pestilentos à Europa. No entanto, este mapa pode ser um pouco questionável do ponto de vista técnico uma vez que a conjunção não está bem calculada, provavelmente devido aos instrumentos da época. Vou analisá-lo de qualquer forma, mas mais por uma questão de curiosidade histórica do que por razões astrológicas.

Reparem, mais uma vez, na ligação entre o elemento e a pestilência. Adicionalmente, Saturno é o regente da casa 8 neste mapa em particular.

É interessante ver que estes três planetas representam também os sintomas da peste negra: Saturno em Aquário ajuda à propagação pelo ar, Marte representa a febre e Júpiter as bolhas e a infeção do sangue.

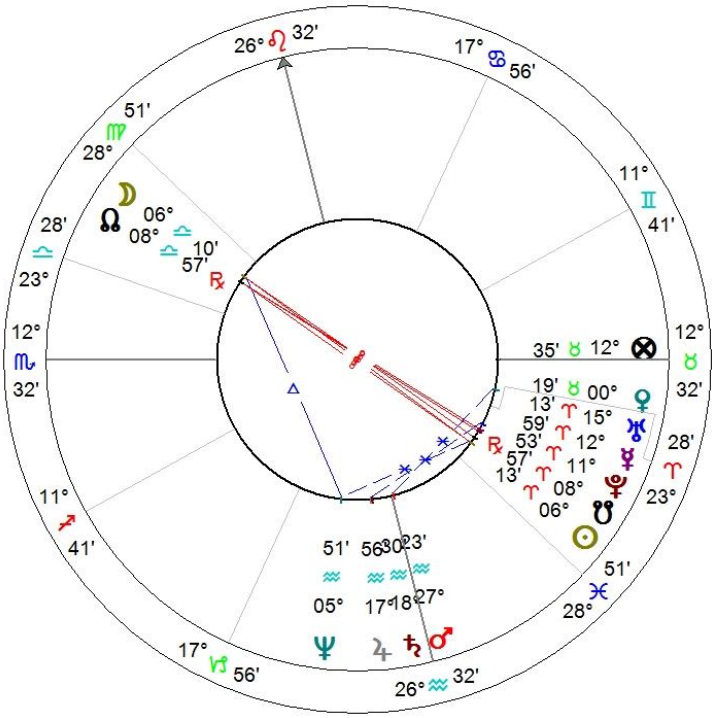
Por fim, a Lua está prestes a entrar no seu signo de queda. Ou seja, o povo vai enfrentar tempos muito difíceis.




O segundo mapa usado pela Faculdade de Medicina de Paris foi o mapa de um eclipse que aconteceu exactamente antes do começo da peste. Neste mapa temos também certos elementos que seriam considerados maus presságios pelos tradicionalistas. A parte da fortuna, neste caso o Hyleg da carta, está conjunta a Algol, estrela dos cadáveres amontoados. O eclipse acontece no eixo casa 6-12 das doenças e inimigos secretos. Mais uma vez temos a conjunção Júpiter-Saturno-Marte a afligir a casa 4, que poderá ser lida como o país. A Lua, regente do povo, está também oposta a Plutão, regente essencial da morte[2], e Mercúrio, regente da casa 8.

[2] É preciso, no entanto, realçar que os astrólogos da altura não conheciam Plutão.

Peste Negra – Mapa Faculdade 2 – Eclipse
**Natal Chart**
18 Mar 1345, sex
21:38 LMT -0:09:20
Paris, France
48°N52' 002°E20'
*Geocentric*
*Tropical*
*Placidus*
*Mean Node*



O astrólogo P. James Clark apresenta os dois mapas anteriormente referidos no seu artigo *Astrology of the Bubonic Plague* e faz também uma análise do retorno solar do ano em que a epidemia de peste começou pela primeira vez no Império Bizantino. Segundo ele, os primeiros casos da epidemia apareceram no porto de Pelusium, perto do Suez no Egito. A sua análise é muito interessante, no entanto o mapa que ele levantou não está, como canonicamente, levantado para os 0º00' de Carneiro, mas sim para 0º01'. Infelizmente isto altera radicalmente a carta porque lhe muda o ascendente. Sendo assim, eu vou apresentar aqui a minha interpretação da carta acertada, ressalvando que me estou a basear profundamente na sua análise original.

O ingresso em questão foi a 18/3/541 às 20:00 em Suez, Egito.

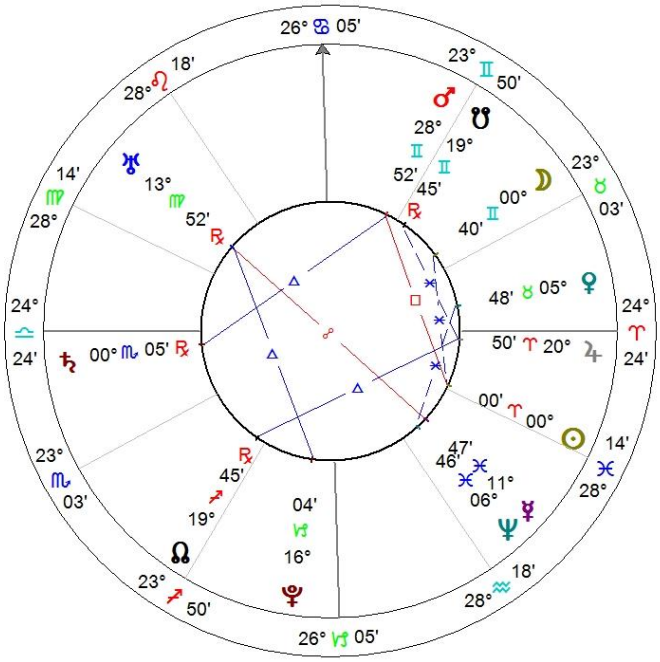
À primeira vista o regente da casa 1 parece estar em excelentes condições domiciliado em casa angular. No entanto, é preciso notar que Vénus está conjunta a Algol por poucos minutos de grau. Tal como no mapa anterior, vemos uma das peças fundamentais do mapa conjuntas á estrela dos cadáveres amontoados. Saturno está retrógrado e num signo maléfico a afligir a casa 1. Júpiter, regente da 6, está conjunto à casa 7 a mostrar que a doença se vai espalhar através do comércio e para fora do sítio onde está.[3]

A Lua, representante tradicional do povo, está na casa 8 e tem como dispositor Mercúrio, regente da 12 dos inimigos secretos ao serviço de Júpiter, a doença.

Fazendo o cálculo de humores de William Lilly esta carta é sanguínea, ou seja, aérea, e por isso traz consigo ares pestilentos.

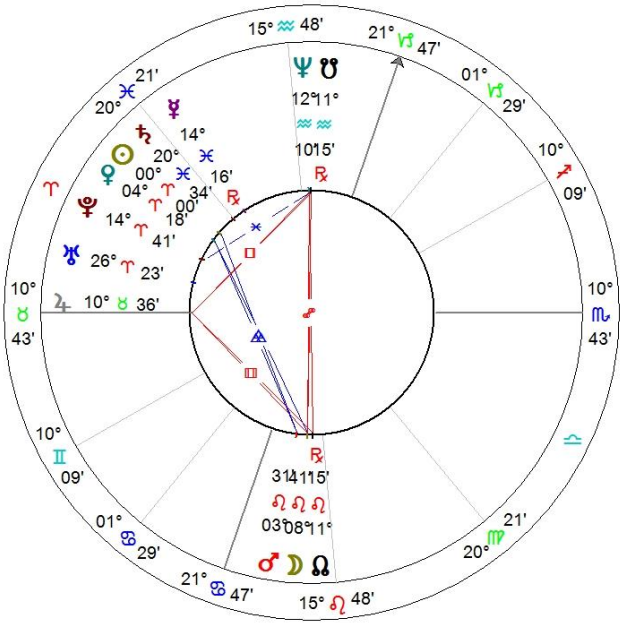
[3] Existia, inclusivamente, o ditado "Mercator, ergo pestiferus", i.e. "Mercador, logo pestilento".

Retorno– Chegada da Peste ao Imperio Bizantino
**Natal Chart**
18 Mar 0541, seg
20:00:26 LMT -2:10:12
Suez, Egypt
29°N58' 032°E33'
*Geocentric*
*Tropical*
*Placidus*
*Mean Node*



No entanto, na minha opinião, existe mais um mapa que é interessante analisar para a propagação da peste na Europa antes de passarmos ao caso português. O mapa em questão é o ingresso Solar em Marselha para o ano de 1448. Um dos pontos de entrada da peste negra na Europa foi em Marselha, num barco que veio de Itália. A doença chegou no final janeiro de 1448, ainda antes do novo ano astrológico. No entanto é durante o ano seguinte que grande parte da população de Marselha é dizimada graças à doença.

Peste Negra – Ingresso de Marselha
**Natal Chart**
12 Mar 1348, qua
07:42 LMT -0:21:36
Marseille, France
43°N18' 005°E24'
*Geocentric*
*Tropical*
*Placidus*
*Mean Node*



A primeira coisa que nos chama imediatamente à atenção é a quantidade enorme de planetas que temos na casa 12, associada a hospitais. Saturno aflige a cúspide desta casa, o que complica ainda mais a situação.

Júpiter, regente da 12 dos inimigos secretos e da 8 da morte, está conjunto ao ascendente por menos de 10'. Só por esta configuração podemos compreender que a morte vai chegar em

força a Marselha neste ano. A Lua, significadora do povo, está afligida por uma conjunção ao maléfico Marte e por uma quadratura a Júpiter. Além disto, a Lua recebe também um trígono de Vénus, dispositora de Júpiter.

Mercúrio, significador da doença, está na casa 11 que por ser uma casa de grupos dá uma pista relativamente à quão infecciosa é a doença. Infelizmente, neste caso, Mercúrio é disposto por Júpiter significador da morte.

Neste caso o humor do mapa é colérico, estando mais associado ao fogo. Poderíamos pensar nisto como significador da febre causada pela peste, no entanto o mais provável é que não haja uma correlação real entre a peste e o humor do mapa.

Pessoalmente pergunto-me porque é que os médicos da Faculdade de Medicina de Paris preferiram usar o mapa do eclipse de 1345 como explicação para a Peste Negra em vez do ingresso vernal em Marselha, no entanto pode ser que na altura fosse particularmente difícil localizar os movimentos da doença.

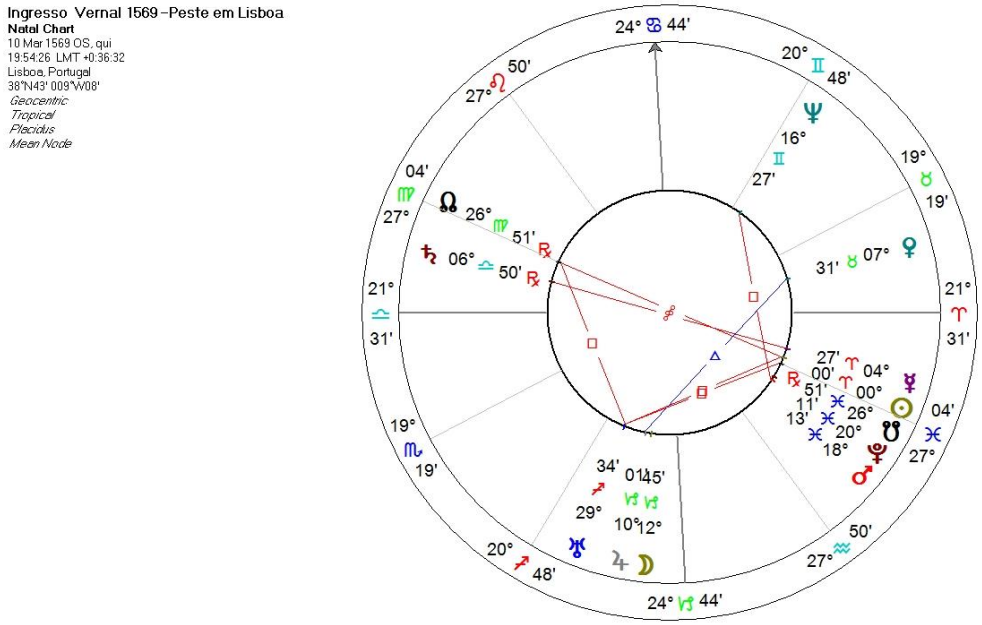
Apesar de este ter sido o episódio mais complicado de peste que a humanidade enfrentou, houve outra terrível crise de peste em Lisboa, em 1569. Estima-se que durante este surto tenham morrido cerca de 60.000 pessoas, numa média de 600 pessoas por dia. Segundo Camarão 2009 as condições de higiene e a fome devido a más colheitas ajudaram bastante na propagação da calamidade. Durante o período foram feitas muitas procissões públicas a pedir misericórdia divina, e houve perseguição de certos grupos como cristãos-novos que chegaram mesmo a ser queimados vivos.

O ingresso vernal para 1569 deu-se em 10 de março de 1569 (jul.) às 19:54. O ascendente está num signo Cardinal, tradicionalmente seria preciso levantar uma nova carta para o solstício de verão. Apesar de a grande calamidade ter sido a partir de julho, os primeiros casos já estavam a aparecer desde maio e o rei fugiu para Sintra em junho.[4] O mapa do ingresso vernal mostra também mais radicalidade do que o mapa o solstício de verão e por isso é esse que vamos utilizar.

---

[4] *" (...) Nos fins de Maio de 1569, começaram a sentir-se em Lisboa os primeiros rebates de* ***peste****. Como, há cêrca de quarenta anos, a capital não voltara a ser açoutada dêsse flagelo, os próprios médicos atribuíram, a princípio, o andaço à prolongada invernia. Mas, durante o mês de Junho, a doença acentuou-se tam rapidamente, que já não podia haver dúvidas; e a 22, saíu o rei para Sintra, levando em sua companhia o cardial. D. Catarina e a infanta D. Maria foram para Vila Franca; e, passados dias, para Alenquer, que pertencia à raínha.*

*A violência da epidemia aumentou. Nos meses de Julho, Agôsto e Setembro, a mortalidade foi tamanha, que os cadáveres ficavam insepultos, a-pesar-de serem enterrados às dezenas na mesma cova, e de haverem sido comutadas as penas aos forçados das galés, sob condição de trabalharem nesse piedoso serviço. Os cronistas não são concordes no cômputo das pessoas vitimadas pela peste, oscilando entre quarenta e oitenta mil. Êste número é evidentemente exagerado, em vista da população da cidade; mas que fôssem só quarenta mil, justificava de sobra o nome de peste grande, por que é conhecida." História de Portugal*; Volume V; Edição Monumental da Portucalense Editora; Porto.




Como em vários mapas que vimos anteriormente, o Sol está no eixo casas 6-12, neste caso na casa 6. As parecenças deste mapa com o ingresso vernal da chegada da peste ao Império Bizantino são impressionantes. O ascendente deste mapa é também Balança e Vénus está conjunta à Vénus do outro ingresso. Desta vez já não está conjunta a Algol, que nesta altura já se encontrava a 18º de Touro.

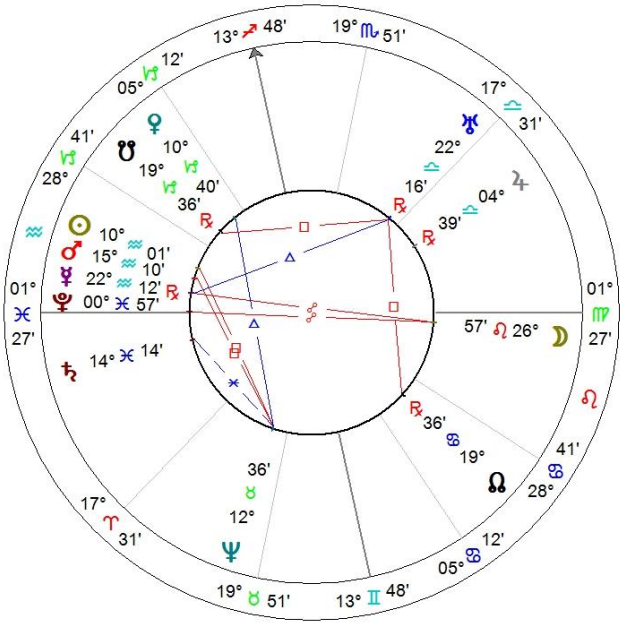
O regente da peste é Júpiter em queda e cadente, e o seu dispositor é Saturno, regente essencial da peste negra, na casa 12 dos hospitais e inimigos secretos. Saturno faz oposição ao Sol, algo que é extremamente raro em Ingressos Vernais, só acontecendo em média uma vez a casa 29 anos. O povo, representado pela Lua, está exilado e conjunto à doença.

Saturno é também regente da casa 4, representante das terras do país em geral. Saturno, além de estar na casa 12, faz oposição a Mercúrio, regente da morte, o que demonstra que as terras estariam em geral inférteis, causando um período de fome.

O humor deste mapa é fleumático, o que mostra definitivamente que não parece haver uma correlação tão forte assim entre o humor do mapa e o facto de ele ser referente à peste.

A Grande Peste de Lisboa ocorreu durante o reinado de D. Sebastião. De seguida analisaremos brevemente o mapa natal dele para ver se terá marcas destes acontecimentos. Naturalmente o reinado de D. Sebastião não ficou conhecido por causa da Grande Peste, por isso é natural que não seja aquilo que está mais visível no seu mapa, mas é interessante fazer este exercício. Este mapa foi levantado segundo a base de dados Astro DataBank, seguindo os dados recolhidos por Martin Harvey no seu *Nativitas II*.

D. Sebastiao
**Natal Chart**
20 Jan 1554 OS, s♏b
08:14 LMT +0:36:32
Lisboa, Portugal
38°N43' 009°W08'
*Geocentric*
*Tropical*
*Placidus*
*Mean Node*



Aquilo que nos chama imediatamente à atenção neste mapa é Plutão exactamente conjunto ao ascendente. É verdade que isto não tem só a ver com a mortandade no país, mas com toda a morte que rodeou D. Sebastião desde que ele nasceu e o facto de ficar particularmente conhecido pela sua morte idealizada, Plutão em Peixes, durante a batalha de Alcácer-Quibir. No entanto não deixa de ser interessante que o rei que reinou durante a grande peste de 1569 tenha Plutão conjunto ao ascendente. Além disso, Mercúrio, o regente da 4 e representante do povo do seu país, está retrógrado na casa 12 dos hospitais e oposto à Lua, regente da casa 6 da pestilência. Nesta configuração vemos o Portugal (casa 4) a ser dizimado pela peste (casa 6).

É também interessante reparar que se fizermos uma sinastria entre o mapa de D. Sebastião e o Ingresso Vernal de 1569, a conjunção entre Lua e Júpiter que no ingresso representa o povo a ser dizimado pela peste está conjunta à Vénus de D. Sebastião, regente da casa 8 da morte. O Júpiter natal de D. Sebastião, seu regente de carreira, está também conjunto a Saturno na 12 do Ingresso Vernal, que representa a esterilidade da terra, o povo no hospital e a peste em si.

Em conclusão, Os vários mapas que analisámos nesta secção dão-nos uma visão alargada do fenómeno da peste negra na Europa. Os vários mapas que vimos continham, em todos os casos, avisos para a devastação que se aproximava.

A maioria deles tinha um enfoque na casa 6 (por exemplo, o Sol lá posicionado) ou pelo menos no eixo 6-12. O regente da 6 ou da 8 estavam constantemente a afligir o povo, quer na forma da Lua ou regente da 1, quer na forma de regente da 4, representante do país em geral.

Também no mapa natal de D. Sebastião parece estar, até certo ponto, marcado o fenómeno da peste.

No entanto, aquilo que parece ser mais surpreendente em todos estes mapas, é o facto de serem todos profundamente venusianos. Dos 5 mapas analisados, três têm o ascendente num signo de Vénus e quatro têm-na domiciliada.[5]

É importante ter em atenção a raridade de muitos dos fenómenos que aqui vimos. Por exemplo, nada implica que um ingresso vernal tenha de acontecer no eixo 6-12, sendo essa probabilidade apenas de 17%. No entanto vemos uma repetição desse eixo em todos os mapas de Ingresso relativos à peste aqui analisados. As conjunções da Lua ao regente da 6 ou 8 também são um fenómeno relativamente raro em ingressos, fazendo com que a sua simbologia seja muito poderosa.

A correlação entre uma Vénus poderosa e a temática que estamos a analisar não é clara para mim, uma vez que não se trata de uma doença sexualmente transmissível. Uma das hipóteses que poderá ser mais plausível é que a associação a Vénus tenha algo a ver com o facto de a peste bubónica afetar muito a pele, órgão regido por este planeta. Este assunto em particular pode ser um tema interessante para pessoas ligadas à Decumbitura ou Astrologia Médica explorarem.

*HIV*

O HIV, vírus que dá origem à SIDA, poderá ser um dos melhores exemplos de pandemia contemporânea. Concordamos, pelo menos, que será um dos mais assustadores por causa da dificuldade que os médicos têm em encontrar uma cura.

O começo oficial da pandemia de HIV foi a 5 de junho de 1981 quando os *Centers for Disease Control and Prevention* reportaram aglomerados de Pneumocistose invulgares em cinco jovens homossexuais. Nos meses seguintes este tipo de aglomerados foram encontrados em mais homens aparentemente saudáveis. Juntamente com a Pneumocistose apareceram também casos de outras doenças oportunistas como o sarcoma de Kaposi, doenças típicas de pessoas com um sistema imunitário enfraquecido.

Um ano depois, em junho de 1982 aparece o primeiro relatório que avança a hipótese de que esta doença seja sexualmente transmissível, razão pela qual estaria a afetar fundamentalmente a comunidade homossexual.[6] Mais ou menos por esta altura a síndrome é chamada *GRID* (*gay-related imune defficiency* ou seja, deficiência imunológica dos gays).

Ainda nesse ano investigadores começam a detetar o que parecem ser outros grupos de risco para esta doença[7], nomeadamente os utilizadores de heroína, hemofílicos e imigrantes haitianos. Isto levou alguns investigadores a chamar-lhe a doença dos "quatro Hs".

---

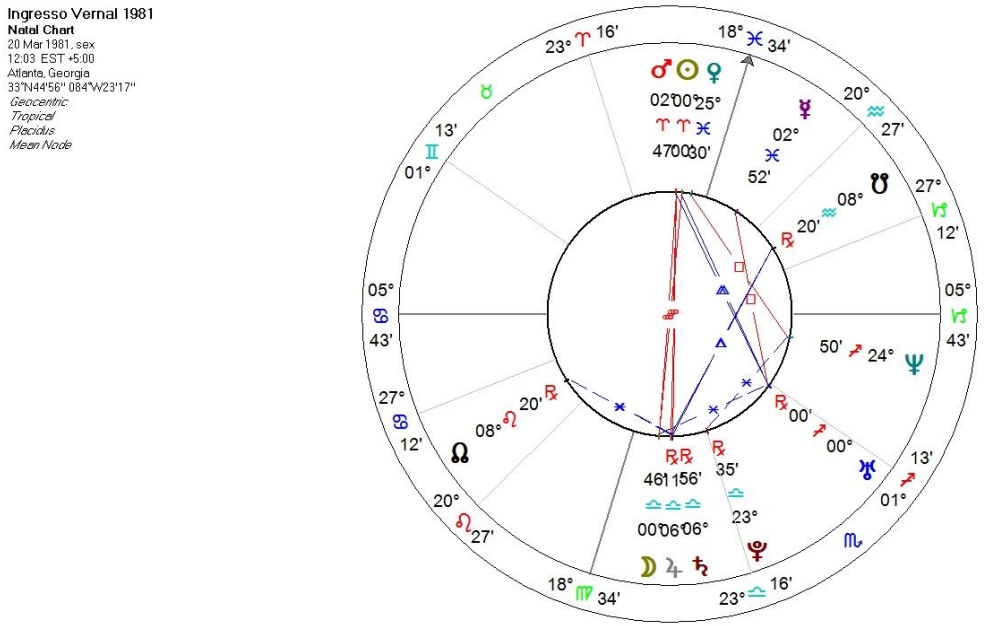
[5] É verdade que sendo quase todos mapas de ingresso vernal, a Vénus só poderia estar em Aquário, Peixes, Carneiro, Touro ou Gémeos, mas continua a ser impressionante que em quatro dos cinco casos esteja em Touro, incluindo no mapa que não é de ingresso vernal.

[6] Esta notícia de 1982 retrata muito bem a incerteza que se vivia nessa altura relativamente a este assunto: http://www.nytimes.com/1982/06/18/us/clue-found-on-homosexuals-precancer-syndrome.html

[7] É de notar que a perspetiva dos "grupos de risco" foi largamente abandonada em prole dos "comportamentos de risco", de modo a evitar a estigmatização de grupos, como os homossexuais ou toxicodependentes, que à partida já sofrem descriminação na sociedade.

É preciso que tenhamos em atenção que já existiam pacientes de HIV antes de 1981, mas é em 1981 que a doença chega ao ocidente e chama à atenção dos profissionais de saúde. Até esta data, tinha-se espalhado silenciosamente. Uma das formas mais antigas de HIV descobertas estava preservada no sangue de um homem congolês que terá morrido em 1959.

Como já vimos anteriormente, uma das dificuldades no estudo de epidemias do ponto de vista astrológico é a dificuldade em isolar uma data, no entanto o melhor a fazer neste caso é utilizar a data de 5/6/1981. Uma vez que não temos a hora certa do anúncio e que isto se tratou de uma descoberta importante em termos históricos, vamos analisar o ingresso solar de 20/3/1981. Já que a sede dos *Centers for Disease Control and Prevention* é em Atlanta, na Geórgia, apontámos o ingresso solar para essa cidade. Na verdade, mudam poucas coisas relativamente ao ingresso de Washington, D.C., mas o mapa parece ser ainda mais radical. Os dados são 20/3/1981 às 12:03  Atlanta, Geórgia




A primeira coisa impressionante neste mapa é o facto de ocorrer durante a primeira conjunção entre Júpiter e Saturno num signo de Ar que tivemos em séculos. Foi, na verdade, uma interrupção do ciclo de conjunções em Terra e fortalece a associação entre a pestilência e o elemento Ar.[8] O signo em questão é balança, associado ao contacto humano (Ar), mas também de certa forma à sexualidade por ser regido por Vénus. É interessante que, como no caso da peste, haja uma associação a sintomas fortes na pele, neste caso o Sarcoma de Kaposi.

É também interessante reparar na quantidade de planetas no eixo casa 4-10. Por um lado, representa a oposição de uma doença que pode ter efeitos mortais (casa 4) às autoridades que

[8] Agradecer ao Astrólogo João Medeiros as indicações que me deu nesta direção.

estão completamente perdidas no seu combate (casa 10). Por outro lado, representa o facto de esta doença atingir precisamente grupos minoritários e discriminados.[9]

O regente da casa 6, Júpiter, está na casa 4 a afligir estes grupos minoritários, nomeadamente imigrantes, homossexuais e toxicodependentes. Como se não bastasse, conjunta ao regente da morte exaltado. A doença é claramente mortífera. Mas o mapa deixa um aviso sombrio: O planeta que se aplica a Júpiter é a Lua, regente geral do povo, e não Mercúrio, regente da casa 4. Apesar de ser percebida como tal, esta doença não é restrita a grupos minoritários.

A presença de Saturno é lógica porque o HIV é uma doença que causa a falha do sistema imunitário. O sistema imunitário é, metaforicamente, uma muralha e por isso faz parte do espectro de significados de Saturno. Mais uma vez Saturno está a afligir o Sol por oposição, tal como no mapa do ingresso da peste em Portugal. Tendo em conta a raridade estatística deste evento é incrível como o encontramos em ambos os mapas.

Os médicos poderiam tanto ser a casa 7, significadora dos médicos em mapas de Decumbitura ou Horários, ou a casa 9, significadora de estudiosos e académicos. Felizmente este mapa facilita-nos a vida porque ambas as casas têm o mesmo regente.

A conjunção entre Júpiter e Saturno parece eminente, mas está na verdade separativa. O encontro entre eles foi a quatro de março, 16 dias antes deste mapa. A doença tem estado debaixo do nariz dos médicos este tempo tudo, mas eles não conseguiram ver. Para os tradicionalistas mais treinados, é fácil ver que vai acontecer uma translação de luz. Ou seja, a Lua vai passar pela doença (contaminar-se) e levar essa informação aos médicos.

Os médicos estão exaltados porque estão prestes a ganhar a sua primeira grande vantagem na luta conta a SIDA, vão descobrir o vírus que a causa. É claro que, como todos sabemos, a exaltação tende a trazer consigo um exagero das capacidades do planeta exaltado. Apesar dos esforços, como todos sabemos, a descoberta da cura não estava para breve.

Mas o mapa dá-nos dicas sobre onde procurar esta pestilência. Tanto a doença, como os pacientes como os médicos estão num signo de Ar. Sabendo das associações que os antigos faziam entre a pestilência e o Ar isto só podem ser más notícias. O ar propaga-se, comunica, poloniza. O dispositor destes três planetas é Vénus, regente da 5, em Peixes. A primeira dica séria do mapa: A doença é sexualmente transmissível, especialmente por fluidos.[10] A receção mútua entre Vénus, o sexo, e Júpiter, a doença, é assustadora no mínimo. Também relevante é o facto de o regente da casa 4 das minorias, Mercúrio, estar em Peixes, sob o poder de Júpiter.

A posição de Plutão e Urano são testemunhos mais modernos a favor daquilo que discutimos previamente. Plutão conjunto à cúspide da 5 representa que a doença mortal poderá vir através do sexo, Urano conjunto à cúspide da 6 demonstra que a doença poderá afetar grupos diferentes ou minoritários. No entanto, estes dois testemunhos são menos relevantes na medida em que são aqueles que desaparecem no ingresso de Washington, D.C.

---

[9] Este raciocínio pode não ser claro à primeira vista. Sendo que a casa 10 representa o governo e o *Status Quo* legislativo, e a casa 4 as pessoas que se opõem a esse governo, podemos associá-la a grupos discriminados. Ou seja, quem são os inimigos do governo? As pessoas que ele não protege e ataca.

[10] É bem sabido que a saliva ou as lágrimas não têm carga viral suficiente para a transmissão do HIV. Mas o sangue e o sémen, por exemplo, têm.

Como se torna óbvio, este mapa é absolutamente relevante para o estudo da História astrológica do HIV, e um exemplo de extrema radicalidade referente a um acontecimento que mudou o mundo e a nossa relação com a pestilência para sempre.

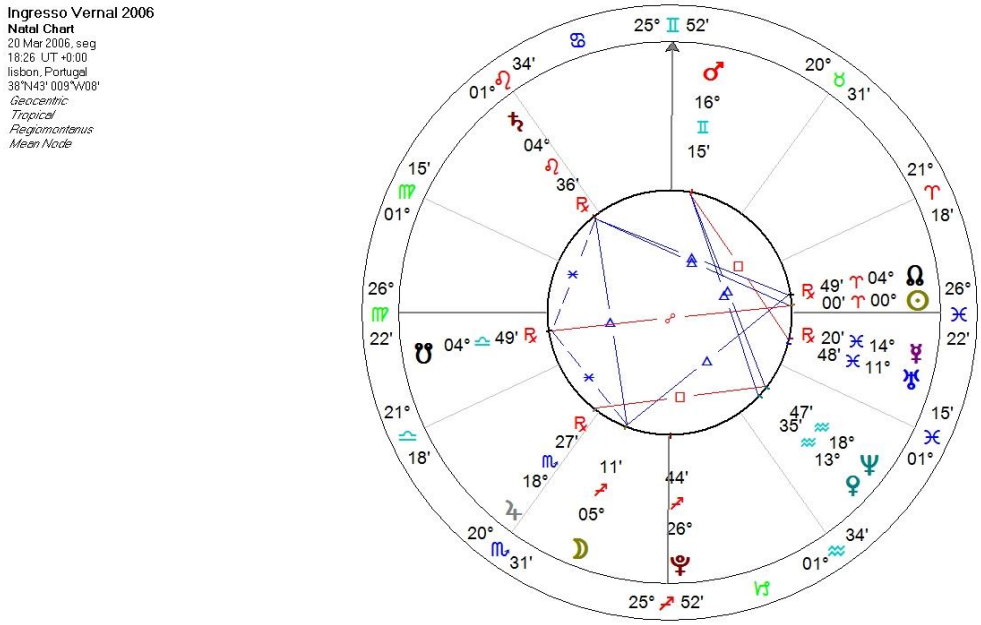
*Morangos com Açúcar*

Para terminar esta secção, vamos estudar um mapa menos dramático do que aqueles que vimos até agora. Em Portugal, entre agosto de 2003 e Setembro de 2012 esteve no ar uma das mais bem-sucedidas séries infanto-juvenis nacionais de sempre: Os *Morangos com Açúcar*, uma série que seguiu várias gerações de adolescentes através do seu secundário. Além de conseguir manter a série no ar durante 9 anos, a TVI criou vários grupos musicais baseados na série, CDs, espetáculos ao vivo entre outro *merchandising*. Podemos dizer que houve, figurativa e literalmente, uma febre de *Morangos com Açúcar*.

Apesar de todas estas conquistas, o episódio em que nos vamos concentrar hoje poderá ser a mais espetacular prova do poder desta série nos adolescentes da época. Em maio de 2016 a escola dos adolescentes da série é vítima de uma terrível epidemia que causa problemas de respiração, irritação na pele e tontura extrema. Poucos dias depois do episódio os mesmos sintomas tinham aparecido em mais de 300 alunos em cerca de 14 escolas por todo o país. Algumas escolas foram mesmo obrigadas a fechar devido à severidade do surto.

Este caso tem sido estudado internacionalmente como um dos mais interessantes casos de histeria em massa do mundo. Cerca de 300 crianças em idade escolar demonstraram sintomas objetivos (tontura e irritações) de uma doença que não tinham como resultado de um episódio que viram de uma série que adoravam.

Mais uma vez, e para manter a coerência deste artigo, vamos analisar o ingresso solar de 2006 para Lisboa e analisar este caso de acordo com isso. Vamos analisar também o mapa da lunação anterior ao incidente. Infelizmente não existe uma lista completa dos episódios então não é possível saber a data e hora em que o episódio foi para o ar. O mais provável é que tenha sido no dia 14 ou 15 de maio de 2006 por volta das 19h, mas não existe forma de confirmar.



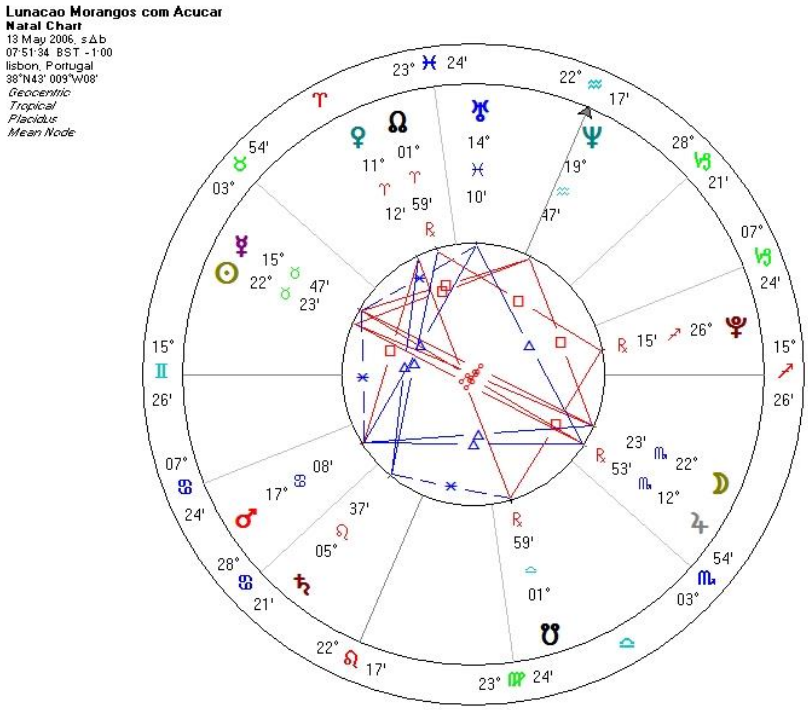

O ingresso solar em 2006 deu-se a 20/3/2006 às 18:26 em Lisboa. É preciso ter em atenção que isto foi só um pequeno evento no ano inteiro do país, por isso não é expectável que encontremos testemunhos tão fortes como nos mapas da peste ou do HIV. Aqui os elementos mais relevantes são os seguintes: Mercúrio, regente essencial das crianças em idade escolar está exilado em queda e retrógrado na casa 6 das doenças e conjunto a Urano. Não há dúvida de que a doença seria muito estranha.

Saturno, regente da 6 das doenças está na casa 11 a afligir espaços públicos e comunitários, neste caso a escola. Saturno faz um trígono à Lua, também uma regente tradicional de crianças, que está na casa 3, casa mais associada à escola e à comunicação social. O aspeto é fluido porque a doença não vai magoar as crianças a sério. Na verdade faz até parte de um processo de identificação com os seus heróis e por isso podemos dizer que, até certo ponto, elas a queriam.

Estes parecem ser os testemunhos principais que demonstram o episódio de histeria colectiva que aconteceu esse ano. Temos outros testemunhos sombrios, como Plutão na casa 4, mas isso com certeza esteve associado a outro evento.[11]

A lunação mais próxima do evento foi a Lua cheia de 13/5 às 7:51. Seria muito mais interessante analisar o mapa do episódio em si, mas infelizmente foi realmente impossível encontrar essa informação porque não existe nenhuma lista com os títulos dos episódios, nem a data e hora a que foram lançados, nem os seus conteúdos.

[11] Na minha opinião Plutão na 4 representa o brutal assassinato da Transexual Gisberta que foi torturada durante dias e depois atirada para um poço, simbologia de casa 4.




O mapa é, apesar de tudo, radical. Neptuno em Aquário está a culminar, o que indica que aquele mês seria marcado por episódios de ilusão relacionados com tecnologia, o que se veio a verificar. O Sol e Mercúrio, o regente essencial de crianças em idade escolar, estão na 12, casa tipicamente associada a hospitais.

Saturno exilado aflige a casa três. A Lua, regente da casa três das escolas, estudantes e televisão está na casa 6 das doenças e no signo de Marte, regente dessa mesma casa. Marte está em Caranguejo, num trígono com receção mútua à Lua. Essencialmente, a doença ama a criança e as crianças amam a doença. É assim que a histeria em massa se realiza.

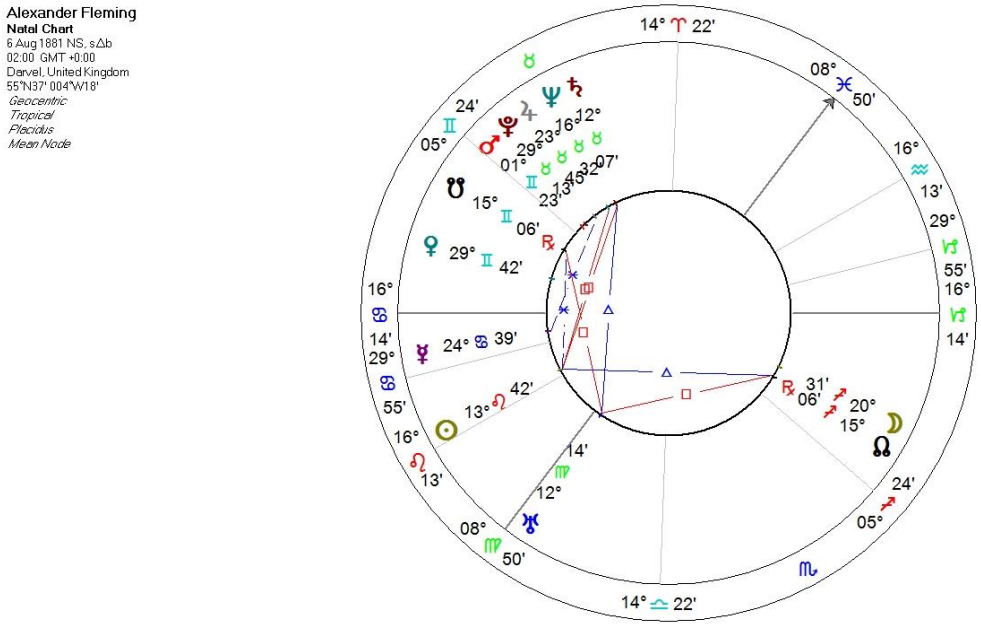
É evidente, portanto, que ambos os mapas têm simbolismo relevante que mostra o episódio de histeria em massa associado ao "Vírus dos Morangos com Açúcar", um dos episódios de histeria em massa mais insólitos do mundo.

## A Resistência – O caso de Fleming

Apesar de a peste ser um flagelo que ainda hoje assola o mundo, na forma do HIV, Ébola, Dengue, e doenças semelhantes, a medicina ocidental fez algumas descobertas fundamentais para a gestão da peste e a cura das doenças. O título desta secção é Resistência precisamente para manter a metáfora bélica que tenho usado ao longo do artigo. Na discussão final, olharemos esta metáfora criticamente.

No entanto, de momento vou-me centrar num estudo de caso particularmente interessante: O mapa astrológico de Alexander Fleming e a Astrologia da descoberta da penicilina.

Alexander Fleming é o médico responsável pela descoberta da Penicilina em 1928. Uma das coisas muito interessantes relativamente à descoberta desta substância é que foi acidental. Fleming tinha tendência a não ser muito asseado no seu laboratório e depois de voltar de umas férias encontrou uma das suas colheitas de bactérias com bolor. Quando analisou a colheita para ver se estava danificada, apercebeu-se de que as colheitas com bolor tinham as bactérias muito danificadas enquanto as colheitas normais não, dando assim o primeiro passo na descoberta de um dos medicamentos mais importantes de sempre.




O mapa natal de Fleming tem diversos aspetos interessantes. Em primeiro lugar, Mercúrio está na 1, posição tradicionalmente associada a génios uma vez que a primeira casa é a casa da alegria deste planeta. O regente do Ascendente, Lua, está na casa 6 conjunto ao Nodo Norte se bem que com uma orbe considerável para um ponto matemático[12]. Esta configuração representa claramente o facto de a missão de vida desta pessoa estar relacionada com doenças. É interessante também encontrar, mais uma vez, a Lua associada ao triunfo da vida. Os mesmos resultados foram encontrados no artigo sobre a morte, quando vimos que a Lua é o planeta que dá mais longevidade e que protege mais contra o suicídio.

[12] Vou assumir que a orbe dos Nodos é de 5º, tal como a orb apresentada pelo Skyscript para Transpessoais. Assim sendo, um aspeto entre um Nodo e a Lua poderia ter 8º45' de orbe.

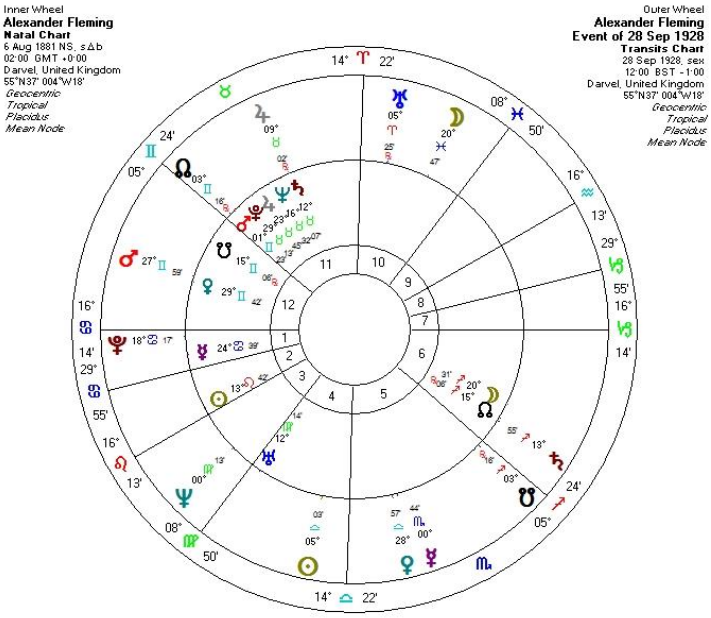
O regente da 6, Júpiter, está em Touro o que faz com que esteja numa receção mútua com a Lua, que está em Sagitário. Ou seja, a forma como Fleming ama a doença e a doença retribui, em termos metafóricos, explica que tenha sido esta pessoa a decifrar a cura.

No entanto, Júpiter está num ponto cego da Lua[13]. Isto é muito interessante uma vez que a descoberta de penicilina foi acidental. Ou seja, apesar de Fleming ter encontrado a resposta certa porque era o seu destino (Lua em receção mútua com Júpiter, na 6 e conjunta ao Nodo Norte) não foi porque fosse capaz de imediatamente fazer o raciocínio necessário (Júpiter no ponto cego da Lua).

No entanto, Vénus, dispositora de Júpiter, está numa oposição à Lua, demonstrando a forma como Fleming tentou enfrentar os micróbios olhos nos olhos assim que se apercebeu das potencialidades da sua descoberta. Poucas horas depois de nascer, Vénus vai entrar em Caranguejo, signo da Lua. Este movimento é profundamente simbólico do momento em que Alexander Fleming finalmente tem controlo sobre as doenças.

É difícil encontrar o momento exato da descoberta das propriedades da penicilina. O primeiro artigo publicado por Fleming saiu em 1929 mas recebeu muito pouca atenção. O médico estudou as potencialidades desta descoberta durante alguns anos, mas devido à sua incapacidade de refinar a substância de modo a que fosse utilizável acabou por desistir da investigação. Mais de uma década depois outros dois investigadores conseguiram refiná-la ao ponto a que ela é usada hoje em dia, mesmo a tempo de tratar as centenas de feridos americanos da Segunda Guerra Mundial.

Assim sendo, é extremamente complicado encontrar um mapa para a "descoberta da penicilina". Mas podemos usar os trânsitos para a manhã em que Fleming se apercebeu pela primeira vez da anomalia na sua colheita[14].

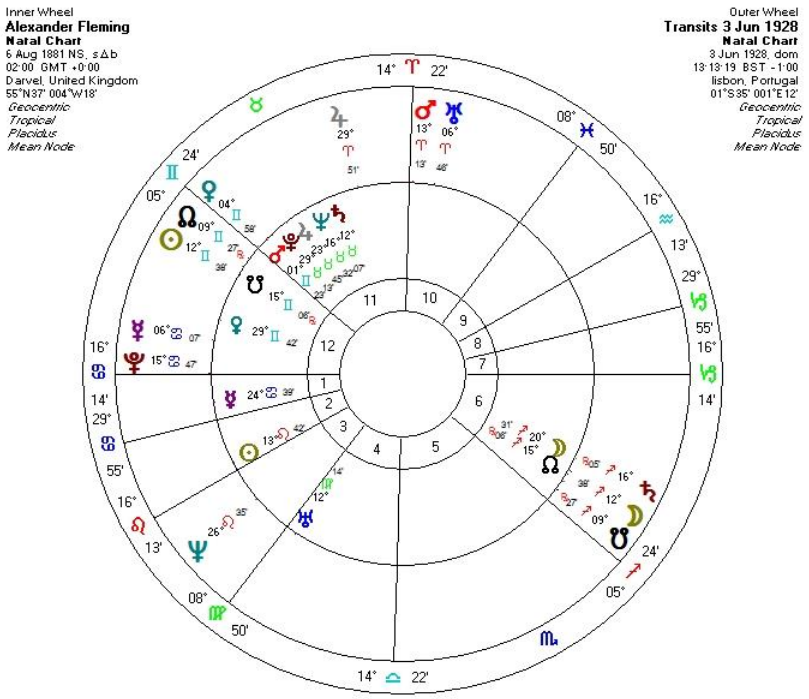



[13] Tradicionalmente os pontos cegos são os signos que estão, na Astrologia Moderna, em Quincúncio (150º) ou semi-sextil (30º)

[14] Nas suas próprias palavras:"When I woke up just after dawn on September 28, 1928, I certainly didn't plan to revolutionise all medicine by discovering the world's first antibiotic, or bacteria killer, but I suppose that was exactly what I did."

O mapa dos trânsitos de Alexander Fleming para a manhã em que pela primeira vez desconfia dos poderes da penicilina, 28 setembro 1928, é absolutamente fascinante. Plutão está, nesta altura, em trânsito pela casa 1, mostrando uma profunda mudança interna. É interessante ver que esta energia estava particularmente ativa no mapa do médico quando ele tem as primeiras pistas sobre a penicilina, especialmente graças à associação de Plutão a processos excretores e de limpeza. Saturno, planeta em geral associado ao sucesso profissional, está em Trígono ao Sol e a ativar a conjunção entre o Nodo Norte e a Lua enquanto transita pela casa 6. Saturno é também o regente da casa 9, do conhecimento académico. Inversamente, Júpiter, regente radical da 6, está também a transitar por Saturno. Este é um ano de retorno de Júpiter para Fleming, facto particularmente relevante já que Júpiter é regente da 6. Os nodos em trânsito estão conjuntos ao eixo da casa 6-12, sendo que o Nodo Sul está na casa 6, insinuando de forma provocadora que a peste é uma coisa do passado.

Plutão está também presente nas Progressões Secundárias e nas Direções Simbólicas. Em agosto, o Sol progredido faz um trígono a Plutão natal e no mesmo mês Plutão chega ao Ascendente por direcção simbólica. [15] Isto reforça a presença de Plutão com uma conotação curativa neste mapa. A 3 de outubro temos a Lua progredida conjunta a Urano, planeta das grandes invenções e progresso tecnológico.




É interessante também notar que o último eclipse antes de 28 de setembro de 1928 se deu a 3 de junho desse ano, exactamente no eixo casa 6-12 do mapa natal de Fleming. O eclipse tem a Lua, Saturno e Nodo Sul na 6 a opor-se a Sol e Nodo Norte na 12. Tendo em conta a associação

[15] Esta dinâmica é naturalmente menos importante porque exige que a hora de nascimento esteja extremamente certa. No entanto é interessante olhar para ela uma vez que está confirmada em outras dinâmicas do mapa.

da casa 6 a doenças e da casa 12 a hospitais, este eixo é muito relevante aqui. Vemos também mais uma vez Vénus destacada já que, usando as orbes tradicionais, está conjunta ao Sol do eclipse e oposta à Lua.

Vemos assim que este evento tão importante para a história da humanidade e da sua relação com a pestilência está profundamente marcado em termos Astrológicos. Nas considerações finais vamos discutir um pouco mais a significância astrológica do mapa de Fleming, nomeadamente da receção mútua entre o regente da casa 1 e o regente da casa 6.

## Cultura Popular e a Erotização da Pestilência

Apesar dos avanços da medicina moderna, o medo das pandemias continua a ser uma constante na nossa vida. Em 2015 chegaram, pela primeira vez, casos de Ébola ao ocidente e quase que se gerou uma histeria em massa. O nosso mundo higienizado faz-nos acreditar que estas calamidades são uma coisa do passado mas no fundo sabemos que estão só escondidas, sempre presentes.

Este nosso medo inconsciente, mas importante, revela-se de uma forma típica de medos escondidos. Aquilo a que os psicanalistas chamam erotização. A erotização é no fundo uma atração compulsiva por aquilo que nos causa ódio, medo ou repulsa. Todos nós já vimos histórias nas notícias de racistas brancos que foram encontrados na cama com pessoas negras, ou militantes homofóbicos que foram encontrados na cama com pessoas do mesmo sexo. Este processo é natural e é a forma que a nossa mente encontra de nos aproximar dos nossos medos, para tentar resolvê-los.

Assim sendo, não é surpreendente que encontremos por todo o lado na cultura popular referências a pandemias ou à pestilência em geral. Desde 2001, no pós-11 de setembro, que explodiram os filmes, bandas desenhadas e jogos de vídeo relacionados com zombies. Isto correlacionou-se de alguma forma com o sentimento de perda de controlo depois do atentado às Torres Gémeas. Investigadores como Roehl Jamon acreditam que este tipo de filmes reflete o nosso medo como sociedade de que o mundo esteja à beira do colapso.

Originalmente o conceito de zombie estava associado a práticas da diáspora africana que envolviam trazer uma pessoa de volta à vida para a escravizar. É em 1968 com o filme *Night of the Living Dead* de George Romero que o conceito é atualizado para a forma actual: Uma condição que faz com que os seres humanos voltem à vida como monstros canibais depois de morrerem e que, pior do que tudo, é contagiosa.

Já no século XIX Bram Stoker tinha introduzido um conceito semelhante com o seu romance gótico *Drácula*. Os vampiros, como reinventados por Stoker, são claramente uma instância de pestilência. A sua condição é contagiosa e infeta o sangue, quase como uma DST. No entanto, ao contrário dos zombies, é um caso fascinante da erotização da pestilência. Já no *Drácula* as mulheres mordidas pelo vampiro são representadas como estando quase envolvidas eroticamente com ele. A Lucy, depois de se transformar em vampira, é descrita como tendo um aspeto "wanton", adjetivo que denota mulheres consideradas excessivamente ativas de um ponto de vista sexual para a época vitoriana. O culminar desta erotização foi a saga *Twilight* na qual uma jovem adolescente se apaixona por um vampiro ao ponto de querer ser "infetada" pela doença.

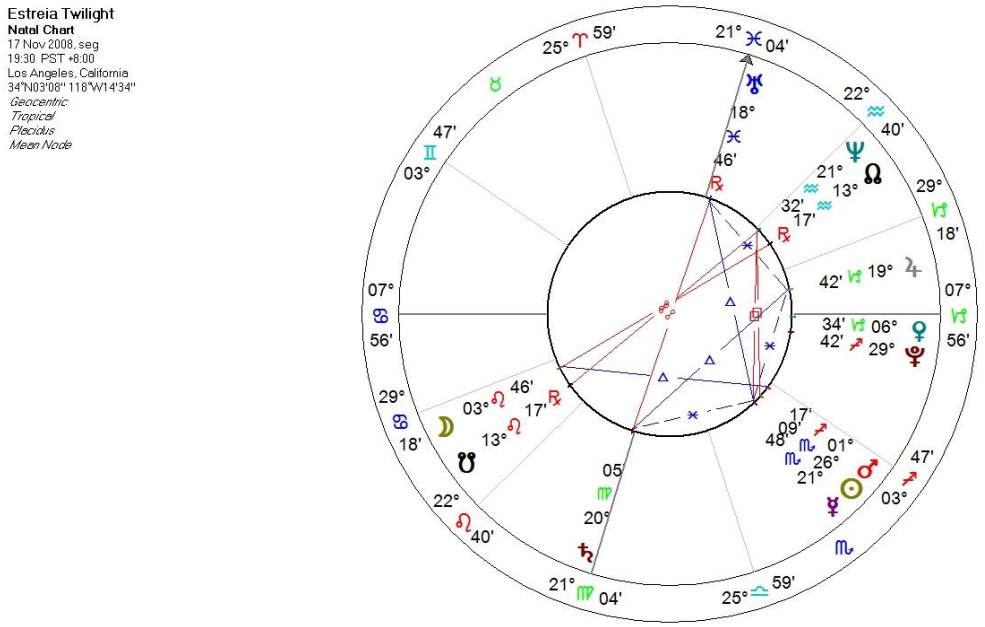
Em muitas outras circunstâncias vemos este fascínio. A série de banda desenhada *Crossed* fala de uma pandemia de um vírus que torna a líbido das pessoas violenta e cruel, o filme de terror *The Happening* fala de um veneno produzido pelas plantas que leva as pessoas a suicidar-se e a aplicação para telemóvel *Plague Inc.* tem como objetivo criar um agente patogénico que destrua a humanidade.

Nesta secção analisaremos dois mapas relacionados com a paixão contemporânea pelo tema da pestilência. O primeiro é o mapa da estreia da série *The Walking Dead*, que foi para o ar há sete anos atrás, e que continua a ser um enorme sucesso. O segundo é o mapa da estreia do *Twilight*, saga de filmes referida no parágrafo anterior.

*Twilight*

Independentemente dos gostos pessoais de cada um, a saga *Twilight* foi um acontecimento cultural intenso. Tanto os livros como os filmes apaixonaram milhares de fãs, especialmente adolescentes, em todo o mundo. Os livros falam do relacionamento entre uma rapariga de 17 anos, Bella Swan, e um vampiro significativamente mais velho, Edward Cullen. Como já discutimos anteriormente neste artigo, os vampiros são uma forma simbólica de pestilência. Neste caso, temos um romance entre uma rapariga e um homem que está "infetado" com essa forma de pestilência. Achei que poderia ser interessante analisar o mapa da estreia do primeiro filme tomando em consideração os elementos que temos visto ao longo deste artigo, nomeadamente o regente da casa 6.

A estreia original do filme foi a 17/11/2008 à 19:30 em Los Angeles, Estados Unidos.




Urano está a culminar, o que faz todo o sentido se tivermos em conta que estamos a falar de uma história de amor pouco usual. Faz uma oposição a Saturno, no eixo do MC/IC. Esta oposição representa uma das temáticas mais importantes do filme: A luta entre o passado e o presente. Entre os vampiros que bebem sangue e os que não bebem, e mais do que tudo, a luta de uma pessoa com aspeto de jovem de 17 anos que passa grande parte da sua vida a mudar de cidade porque nunca envelhece. Saturno, regente da 7 e da 8 e significador essencial da morte e pessoas mais velhas é sem dúvida Edward. Uma vez que se trata de um homem podemos também atribuir-lhe o Sol. A personagem principal do filme é a Lua, regente da casa 1, também por ser aquela com que a maioria das fãs se identifica. Uma vez que é uma mulher podemos atribuir-lhe também Vénus.

As receções são uma verdadeira confusão, o que na verdade reflecte a confusão que é o filme. Edward gosta da Bella na medida em que está na sua triplicidade (Saturno em Virgem durante a noite), mas também sente uma grande repulsa por ela, especialmente a nível sexual. Isto porque o Sol está em Escorpião, queda da Lua e exílio de Vénus. Para quem conhece a saga sabe que esta repulsa não tem necessariamente a ver com falta de desejo sexual, mas com o medo que Edward tem dos seus comportamentos vampirescos quando está excitado sexualmente, na verdade uma temática completamente escorpiónica em termos modernos.

A Bella está perdidamente apaixonada por Edward, à primeira vista mais do que ele está por ela[16]. É claro que a longo prazo esta diferença deixa de ser tão visível, inclusivamente chega a inverter-se, mas estamos a falar da estreia do primeiro filme, portanto dos primeiros momentos que eles passam juntos e nos quais Edward tenta reprimir os seus sentimentos. Vénus está na cúspide da 7 e a Lua em Leão, a gostar de Edward e a pensar nele.

Toda esta interpretação serve para mostrar que o mapa reflecte algumas das dinâmicas principais da série. O amor de Edward (Saturno em Virgem) mas a sua repulsa por Bella em termos sexuais (Saturno na queda de Vénus, Sol no exílio de Vénus e queda da Lua). O amor invulgar ou estranho (regente da 7 oposto a Urano a culminar) e o amor obsessivo doentio (Sol em Escorpião na 5)

No entanto, é muito interessante ver que as referências astrológicas ao vampirismo e à pestilência estão, de facto, presentes. Ambos os regentes de Edward estão em posições associadas à Morte. Saturno está no IC, tradicionalmente associado a cemitérios, caixões e morte em geral, e o Sol está em Escorpião, signo mais associado à morte, especialmente em Astrologia moderna.

Mas o fator astrológico mais interessante de todos, sem o qual não valeria a pena estar a fazer esta análise, é Júpiter, o regente da 6, na casa 7. Ou seja, a doença e a pestilência, em queda, na casa que representa o vampiro. Júpiter ama Saturno porque está no seu domicílio, no entanto Saturno odeia Júpiter porque está em Virgem, signo de seu exílio. Para todos os efeitos, Edward odeia ser vampiro porque isso o está a impedir de expressar completamente os seus sentimentos por Bella.

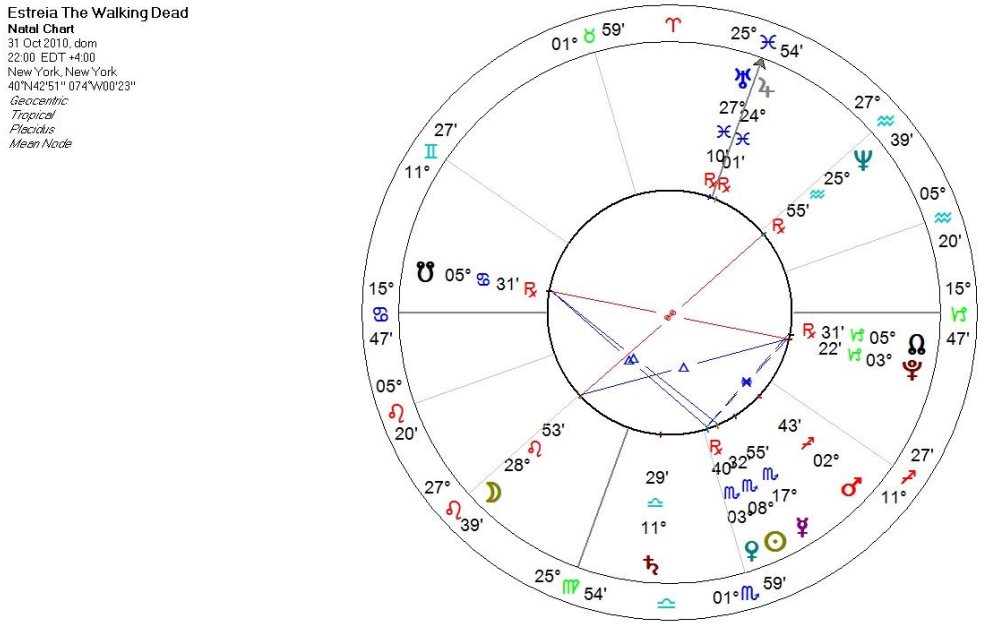
Confirmamos assim que o fascínio por esta história de amor passa, pelo menos em alguma medida, pelo nosso fascínio ancestral por todas as coisas que mais nos aterrorizam.

*The Walking Dead*

The Walking Dead poderá ser o produto de cultura popular relacionado com Zombies mais famoso de sempre. A série televisiva já foi renovada para uma oitava temporada e os livros de banda desenhada têm saído mensalmente desde 2003. A história acompanha um grupo de sobreviventes num mundo pós-apocalítico em que a sociedade colapsou devido a um vírus que faz com que as pessoas voltem à vida como canibais depois de morrerem.

A série estreou a 31/10/2010 às 22h de Nova Iorque.

[16] Segundo o resumo da Wikipedia inglesa: "Bella sits next to Edward Cullen in biology class on her first day of school, but he seems to be repulsed by her" – A Bella senta-se ao lado do Edward Cullen numa aula de biologia do seu primeiro dia de escola, mas ele parece ter repulsa dela".




As parecenças com o mapa do *Twilight* são incríveis. É verdade que esta série estreou mais ou menos dois anos depois do filme então é natural que haja parecenças em termos dos signos dos planetas lentos. O Ascendente é o mesmo, apesar de a hora ser bastante diferente, mas mesmo assim as parecenças são muito interessantes. O Sol na casa 5, do entretenimento[17], em Escorpião, signo ligado à morte. Saturno está na 4, uma simbologia típica de assuntos de mortes.

Na casa 5 temos também Mercúrio da comunicação social e Vénus do prazer. Urano está a culminar no meio do céu, naturalmente a representar a estranheza do tema. No entanto, o aspeto que realmente diferencia este mapa é o facto de Júpiter estar domiciliado e a culminar. Neste mapa em particular, Júpiter rege a casa 6 da pestilência. Na série, o mundo foi dizimado por uma doença e apenas poucos humanos sobrevivem. Isto é claramente simbolizado pelo regente da 6 no seu trono e na posição mais poderosa em que se pode estar no horóscopo.

A Lua, representante da personagem principal da série, está vazia de curso e separativa de Neptuno. No primeiro episódio, Rick Grimmes, a personagem principal, acorda de um coma para encontrar o mundo destruído e sem grandes esperanças de futuro. Esta situação é o exemplo arquetípico mais forte que consigo imaginar de uma Lua vazia de curso separativa de oposição a Neptuno.

Não é completamente claro o que significa a quadratura que a Lua faz ao regente da casa 5 assim que muda de signo, mas poderá significar o momento em que Rick encontra um grupo de pessoas entre as quais está a sua mulher e o seu filho. Marte rege a casa 5 dos filhos e a casa 7, da mulher, por exaltação.

Uma outra possibilidade é que represente o seu encontro com Morgan, a pessoa que o encontra depois de ele fugir do hospital. Uma vez que Morgan é um homem que lhe dá armas e que o protege dos zombies, cabe perfeitamente na simbologia de Marte. O seu primeiro encontro foi tenso, o que explica a quadratura.

[17] Posição em que costuma estar no horário nobre da televisão.

O aspeto seguinte é um trígono a Plutão na 6. Ou seja, o momento em que o contacto com os zombies começa a sério.

Mais uma vez a Astrologia mostrou-se uma técnica extremamente sensível a casos de pestilência, mesmo que sejam fictícios. Como já discuti antes em diversos artigos, no mundo da Astrologia a linha entre a realidade e a ficção é uma linha ténue.

## Considerações Finais

Este artigo levou-me por uma viagem extremamente pessoal pelo mundo das grandes epidemias da história, e fez com que me surgissem algumas dúvidas extremamente interessantes.

Em primeiro lugar, tal como no caso do artigo da Morte, vemos em muitos mapas uma presença enorme dos benéficos. Como foi discutido na secção sobre a peste, a maioria dos mapas tem uma proeminência venusiana que não seria expectável já que não se trata de uma doença venérea. Também no mapa do HIV vemos Júpiter como regente da 6 e no mapa de Alexander Fleming, ao contrário do que poderíamos pensar, a pestilência ama o homem porque está em receção mútua com ele, o que é dos aspetos mais surpreendentes que analisámos até aqui.

Quando escrevi o primeiro volume sobre os cavaleiros do apocalipse e disse que a Morte, tal como os restantes cavaleiros, é uma energia que tem de ser integrada, posso ter pecado por ter falado disso superficialmente sem uma discussão mais alongada. Vou colmatar esse erro agora, discutindo de forma um pouco mais longa o assunto.

A nossa relação com a morte em geral e os mortos em particular tem-se vindo a deteriorar com o tempo. O cemitério do Alto de São João em Lisboa tem dezenas de campas assaltadas e a necessitar de arranjos, os nossos rituais e luto para com os mortos estão progressivamente mais superficiais e vivemos num tempo em que uma pressa constante por se estar bem e ser produtivo nos bloqueia a capacidade de fazer o luto. O Halloween transformou-se de uma festividade pagã em que se honram os mortos, os monstros e a diferença para uma festa essencialmente comercial. As vigílias dos corpos são cada vez mais curtas, as visitas ao cemitério estão reservadas à terceira idade, e com o tempo perdemos contacto com os nossos antepassados, e renegamos para o reino da sombra e do medo aquilo com que todos nos vamos deparar mais cedo ou mais tarde.

Também tem acontecido algo semelhante com as doenças. O bem-estar do corpo tem-se vindo a tornar uma obsessão de tal ordem que o mínimo sintoma de doença é olhado com medo. São criadas dezenas de dietas diferentes e tudo é potencialmente perigoso. Sumo de fruta faz mal à saúde, o Wi-Fi é um assassino silencioso e as vacinas vão causar terríveis danos a longo prazo. A conclusão subjacente a esta paranóia colectiva é a de que, no fim das contas, tudo faz mal e que a vida não é mais do que uma luta constante contra a deterioração dos nossos próprios corpos.

Mas o que ambos estes movimentos, estas quase fugas, da morte e da doença nos revelam pode ser muito mais interessante. Num mundo em que a saúde e a vida se tornam cada vez coisas que tomamos mais como garantidas, estamos a sentir uma necessidade de tornar mais forte a nossa guerra às doenças e à mortalidade. Isto não acontece de forma inconsequente, como é mais do que óbvio. Neste momento as autoridades internacionais de saúde avisam que, por exemplo, o uso excessivo de antibióticos poderá contribuir para o desenvolvimento de super-bactérias que lhes serão resistentes, transportando a humanidade para taxas de mortalidade equivalentes às que tínhamos antes da descoberta de penicilina.

Durante este trabalho usei, conscientemente, metáforas bélicas para me referir à pestilência. Disse que esta é uma das grandes guerras da humanidade, dei o título de "A resistência" à secção sobre Fleming, e em geral usei a guerra como forma de falar deste assunto. No entanto, fi-lo para que pudéssemos agora discutir as desvantagens tremendas de decidir travar guerras contra as coisas que não podemos evitar na vida.

Tenho a agradecer, mais uma vez, ao meu amigo Pedro N. que me indicou o livro *um novo mundo,* de Eckhart Tolle, no qual existe uma discussão sobre como a guerra é um tipo de mentalidade específica que leva situações a escalar. É por isso também que é um dos quatro cavaleiros. Por exemplo, durante a administração Clinton os Estados Unidos começaram uma "Guerra às Drogas" que acabou por mergulhar a comunidade negra numa miséria brutal que adveio do facto de muitas famílias ficarem absolutamente desestruturadas devido ao aprisionamento em massa de traficantes e consumidores de drogas em espaços negros. Por oposição temos o exemplo internacionalmente apontado de Portugal, que durante a sua grande crise de drogas no final dos anos 90 início dos anos 2000 optou por descriminalizá-las na sua totalidade em 2001, em vez de lhes declarar guerra. O processo foi longo, mas com a possibilidade de procurar ajuda sem medo de prisões vimos um decréscimo inacreditável de toxicodependentes e de mortes por *overdose* nos anos seguintes.[18]

Este exemplo é perfeito para demonstrar que o tipo de atitude e mentalidade que antagoniza os outros, sejam os toxicodependentes, os mortos ou mesmo a doença como entidade abstrata, tende a levar a um escalar das situações. O facto de encontrarmos uma presença constante dos benéficos em mapas sobre pestilência é uma pista de que a nossa atitude para com estes eventos não deve ser tão bélica, ou carregada de negativismo. O melhor exemplo disto é o mapa de Fleming. Apesar de Fleming descobrir a cura para uma quantidade enorme de doenças, Júpiter, o regente da casa 6, ama a Lua, o regente da casa 1. A doença ama-o, e por isso dá-lhe a resposta aos problemas que causa. Ele ama a doença, e por isso compreende-a ao ponto de receber as respostas. A penicilina não é descoberta através de alguém que tem um mapa em que há ódio entre a doença e o inventor, e isto revela muito. Mesmo no meu próprio mapa, que partilhei no início, a pestilência aparece como um Júpiter, disposto por Vénus, a pedir integração.

Isto torna-se ainda mais óbvio quando vemos o fascínio da cultura popular pela pestilência. Ao mesmo tempo que existe uma enorme paranóia com uma saúde absolutamente controlada, as massas procuram filmes em que são postos frente a frente com a pestilência ao ponto de se apaixonarem por ela, como é o caso do Twilight. Para pessoas com interesse no conceito de sombra do Jung isto não é surpreendente. A erotização é uma estratégia da psique para nos obrigar ao encontro com a nossa sombra.

Eu não sou médico, e por isso não consigo fazer um comentário sobre como esta mudança de atitude se poderia refletir ao nível da medicina tanto convencional como alternativa, no

[18] "Em 2004 foram registados 156 mortes com resultados positivos nos exames toxicológicos de drogas efectuados a nível do INML, 51% dos quais na circunscrição médico-legal de Lisboa, 29% na de Coimbra e 20% na do Porto. Nos últimos três anos verificou-se uma estabilização no número destes casos (152 em 2003 e 156 em 2002), atenuando assim a tendência decrescente ocorrida a partir de 2000 (entre 1999 e 2000 registou-se uma diminuição de -14%, entre 2000 e 2001 de -12% e entre 2001 e 2002 de -44%)." – Relatório Anual 2004 da SICAD.

entanto tenho a certeza de que como população enfrentamos um momento em que temos de ser capazes de resgatar estas energias que temos enterrado cada vez mais nas profundezas dos nossos infernos interiores, sob o risco de que um dia elas voltem, mais raivosas do que nunca, para nos enfrentar nos seus termos.

## Agradecimentos

Preciso de fazer esta secção para agradecer as ajudas preciosas do meu amigo Pedro N., do meu amigo e astrólogo João Medeiros. Estas duas pessoas foram fundamentais à elaboração do trabalho. Gostaria também de agradecer aos comentários dispersos de vários outros astrólogos que conheço e que me inspiraram ou deram direções neste trabalho, especialmente aqueles do grupo de discussão de alunos do CEIA e no grupo chamado *Traditional Horary Astrology*, especialmente a Goritsa Svortsan.

## Bibliografia

*Livros e artigos*


- Altman, Lawrence, 1982; "Clue Found on Homosexuals' Precancer Syndrome", New York Times [acedido em http://www.nytimes.com/1982/06/18/us/clue-found-on-homosexuals-precancer-syndrome.html a 14/4/2017].

- Avelar, Helena & Luís Ribeiro, 2004; *Astrologia Real – A História de Portugal à Luz da Astrologia*, Pergaminho.

- Camarão, Lígia, 2009 "Lisboa no período da Grande Peste de 1569: causas e consequências de uma demografia instável" [acedido em https://www.academia.edu/9957950/Lisboa_no_per%C3%ADodo_da_Grande_Peste_de_1569_causas_e_consequ%C3%AAncias_de_uma_demografia_inst%C3%A1vel a 14/4/2017].

- Clark, P. James,----; *Astrology of the Bubonic Plague,* [acedido em https://classicalastrologer.me/category/bubonic-plague/ a 18/4/2017].

- de Rezende, Joffre Marcondes, 2009; "As Grandes Epidemias da História" [acedido em http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf a 14/4/2017].

- Cornelius, Geoffrey, 2005; *The Moment of Astrology*, The Wessex Astrologer.

- Döser, Öner, 2015; *Astrological Prediction: A Handbook of Techniques*, The Cazimi Press.

- Frawley, John, 2001; *The Real Astrology*, Apprentice Books

- Instituto da Droga e da Toxicodependência - Observatório de Drogas e Toxicodependências - Núcleo de Estatística, 2004; *Relatório Anual · 2004 - A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências Vol. I - Informação Estatística*, Instituto da Droga e da Toxicodependência [acedido em http://www.sicad.pt/PT/Publicacoes/Paginas/detalhe.aspx?itemId=12&lista=SICAD_PUBLICACOES&bkUrl=BK/Publicacoes/ a 14/4/2017]

- Lilly, William, 1647; *Christian Astrology*, acedido em [http://www.skyscript.co.uk/lilly_houses.html] a 31 de maio de 2016.

- Medeiros, João, 2013; *A Carta*, Lua de Papel.
- Oken, Alan, 1998; *Complete Astrology*, Bantam Books
- Perry, Glenn, 2012; *Finding the Shadow in the Horoscope: Five Essays on Jung's Concept of The Shadow*, US Trade Paper
- Ptolomy, Claudius, 1882; *Tetrabiblos*, traduzido por J. M. Ashmand, Davis and Dickson [disponível em http://www.astrologiamedieval.com/tabelas/Tetrabiblos.pdf acedido em 2/4/2017]
- Tolle, Eckhart, 2009; *um novo mundo*, Pergaminho
- Vários autores, 1934, *História de Portugal*; Volume V; Edição Monumental da Portucalense Editora

*Recursos Online*

- Skyscript - http://www.skyscript.co.uk/
- Astrodatabank- http://www.astro.com/astro-databank/Main_Page
- Astrotheme- http://www.astrotheme.com/
- Wikipedia- https://www.wikipedia.org/